



ARTIGO

A FORMAÇÃO DA ESCOLA SOCIOLÓGICA DE CHICAGO

*Mário A. Eufrasio**

Resumo: As “escolas” ou tradições sociológicas, devido a sua complexidade, são difíceis de caracterizar, mas pode-se falar numa Escola Sociológica de Chicago, de que o artigo esboça as linhas gerais de desenvolvimento, constituindo um roteiro expositivo com indicação de leituras para o leitor interessado em aprofundar-se no tema. Caracterizam-se inicialmente o surgimento e as grandes fases da história da sociologia nos Estados Unidos. Indica-se o caráter inovador da Universidade de Chicago, criada em 1892, que se confirmou na criação de seu Departamento de Sociologia, o primeiro dos Estados Unidos a oferecer ensino de graduação e de pós-graduação associado a pesquisa em alto padrão e numa perspectiva de prestação de serviços à comunidade. Indiferenciado dos demais departamentos de sociologia do país durante suas primeiras duas décadas, após a I Guerra Mundial o Departamento de Sociologia de Chicago assumiu uma posição de destaque. Indica-se o papel de Small, Vincent, Thomas, Park, Burgess e outros nesse desenvolvimento, que levou, nas circunstâncias da própria cidade, à afirmação e ao predomínio da Escola Sociológica de Chicago durante toda a terceira fase da sociologia americana, entre 1920 e 1935.

Palavras-chave: Sociologia Americana - Inícios da Sociologia nos Estados Unidos - Escola Sociológica de Chicago.

* Professor Doutor do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.



INTRODUÇÃO

Na construção histórica de uma disciplina científica ocupam um lugar central a formulação e o desenvolvimento de estratégias de trabalho intelectual, que se concretizam em programas de investigação com dimensões empírica, teórica e metateórica. No processo de sua constituição como campo de conhecimento autônomo, a ciência social empreende um confronto interpretativo e crítico com uma dupla realidade: com a realidade social de que se pretende uma reconstrução teórico-conceitual e com os produtos discursivos de processos de investigação anteriores que visavam dar conta daquela realidade social. Complementarmente, a história de uma disciplina é também a história social, política, econômica e geográfica das comunidades de investigadores; dos meios de divulgação e discussão de resultados e inquietações; dos centros de pesquisa e ensino; dos esforços pragmáticos de utilização de conclusões e descobertas; e a biografia das equipes e dos investigadores bem-sucedidos. As “escolas”, correntes ou tradições de investigação disciplinares, relativamente complexas, englobam em diferentes proporções elementos dessas duas ordens e a dificuldade de sua caracterização advém da intrincada diversidade estrutural – intelectual e institucional – com que se apresentam.

Em sociologia se alude com frequência a “escolas sociológicas” (a Escola de Frankfurt, a Escola Durkheimiana, a Escola Paulista...) e em todos os casos se está em presença de diferentes constelações de realidades intelectuais e históricas. A chamada Escola de Chicago, na sociologia norte-americana, representa um desses contextos que, na evolução da disciplina, se reveste de especial interesse pelas teorizações originais, as técnicas de pesquisa empírica e os temas de investigação que introduziu; incorporadas ao patrimônio da sociologia, essas conquistas fazem parte em graus variados da formação dos sociólogos ainda hoje e merecem uma consideração retrospectiva. Visa-se neste artigo esboçar os elementos mais gerais que caracterizaram a formação e o desenvolvimento da Escola Sociológica de Chicago, sem todavia

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio



A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio

entrar ou na exposição e análise das formulações teóricas que a caracterizam ou nas discussões metateóricas quer da história da ciência enquanto modalidade de investigação metodológica, quer da história da sociologia de maneira mais estrita. O presente texto representa um roteiro expositivo, no qual o leitor interessado num aprofundamento do assunto poderá encontrar indicações de leituras de caráter interpretativo e crítico mais avançadas.

O SURGIMENTO DA SOCIOLOGIA NORTE-AMERICANA

O desenvolvimento da sociologia nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX e inícios do século XX pode ser traçado a partir de diversas origens, que se combinam com uma desigual influência da sociologia que se desenvolvia no decorrer do século XIX na Europa, associada às transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que caracterizavam o surgimento da sociedade moderna. Certos aspectos da formação da sociologia assumiram nos Estados Unidos formas originais: uma motivação inicial filantrópica e favorável à reforma social, de feição progressista, e sua disputa contra os argumentos conservadores tirados da economia política clássica e do evolucionismo e do darwinismo social; o uso pioneiro de materiais sociográficos; a influência do evolucionismo de Spencer e do darwinismo social no desdobramento da discussão intelectual de um conjunto de idéias da época (entre 1850 e 1900) e os inícios do ensino universitário da sociologia em diversas instituições de ensino e pesquisa universitárias que foram criadas nas últimas décadas do século XIX. Deve-se também citar as contribuições fundamentais de certo número de autores, dentre os quais se destacam os seis “pais fundadores” da sociologia americana, cujas obras merecem uma consideração especial: William Graham Sumner, Lester Ward, Albion Woodbury Small, Franklin Henry Giddings, Charles Horton Cooley e Edward Alsworth Ross (além de alguns outros, como Thorsten Veblen e Charles Colby) (vide HOUSE, 1936: 228-45, 273, 283, *passim*)¹.

¹ Várias exposições da história da sociologia americana são disponíveis, como: FARIS, 1947, MITCHELL, 1973, ODUM 1951, SHILS, 1970 e outros mais. A parte IV (de modo especial os capítulos 18 a 20) de HOUSE, 1936 constitui um relato clássico. COSER, 1980 é um texto bastante didático disponível em português e HAWTHORN, 1973 é um ensaio mais audacioso, cujo acompanhamento exige pré-requisitos de certo grau de profundidade e detalhe.



Desde seu início, o desenvolvimento da sociologia americana pode ser dividido em cinco fases: na primeira, de *surgimento*, durante as duas últimas décadas do século XIX, introduziram-se cursos de sociologia em diversas universidades; numa segunda etapa, de *difusão*, entre 1900 e 1920, a sociologia se difundiu entre as universidades e faculdades dirigidas às humanidades e às letras, e em 1905 foi criada a American Sociological Society (Cf., por exemplo, SHILS, 1970 e MITCHELL, 1973: 323-4). Numa terceira fase, de *consolidação*, entre 1920 e 1935, foram criadas linhas originais de trabalho nos mais importantes centros de ensino e pesquisa de sociologia no país, que se firmaram em tradições próprias, e paralelamente à ampliação do ensino de graduação e de pós-graduação multiplicaram-se as revistas especializadas e os contactos internacionais e ocorreu o desenvolvimento de subdisciplinas especializadas e a formação de equipes de pesquisa (ibid.: 332-3). Nesse período veio a predominar a orientação que se desenvolveu em Chicago, caracterizada por uma ecologia humana e uma psicologia social sociológicas, e secundariamente a orientação surgida em Columbia; na década de 1930, pelo prestígio e a importância que ganhou dentro e fora dos círculos acadêmicos, a sociologia veio a ser conhecida como “a ciência americana”, difundindo-se e influenciando a sociologia de outros países. Seguiu-se um quarto período, de maior diversificação inicial, mas no qual acabaria por vir a exercer a influência mais importante o *funcionalismo* de Harvard, secundado pelo interacionismo simbólico, surgido em parte em Chicago. Na década de 1960 emergiu o movimento da chamada “sociologia crítica”, originando uma quinta etapa, que se afirma como de grande *diversidade* de orientações teórico-metodológicas e na qual se consolida a proeminência internacional da sociologia americana (MARSAL 1977 e outros).

A sociologia que surgiu ainda no século XIX nos Estados Unidos assumiu um duplo caráter que a dominou por três décadas, até a I Guerra Mundial, voltando-se, primeiro, para o estudo específico dos “problemas sociais”, como a caridade pública e a recuperação de “desencaminhados”, as condições de habitação,

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio



A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrazio

a economia doméstica, o saneamento e a delinqüência, geralmente excluídos das disciplinas sociais mais antigas; depois preocupou-se com o crescimento das classes pobres marginalizadas e com os aspectos patológicos da sociedade que o liberalismo evangélico encarava a partir de suas concepções de saúde física e mental, de probidade moral e do desenvolvimento de uma sociedade baseada num alto grau de cooperação. Com isso fixou-se o pressuposto de que a sociologia era uma ciência prática voltada para a ação e a reforma sociais. Por outro lado, uma preocupação geral ou sistemática pela sociedade como um todo veio a sugerir que se definissem e estabelecessem categorias apropriadas para a explicação da estrutura da sociedade global e das relações entre os grupos humanos unidos por laços comuns. Até pouco antes do início do período de predomínio da Escola de Chicago a sociologia norte-americana conservou esse caráter duplo.

O DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA SOCIOLÓGICA DE CHICAGO

Em 1800 havia apenas alguns poucos milhares de pioneiros no território que veio a constituir o Estado do Illinois, que foi criado em 1818. “No início e em meados do século XIX, Chicago era um posto avançado da civilização americana na frente de expansão do país para o oeste” (BULMER, 1984: 12). Insignificante em 1840, entre 1850 e 1890 Chicago tornou-se uma grande cidade de mais de um milhão de habitantes – a segunda maior do país – e nos quarenta anos seguintes cresceu três vezes, atingindo em 1930 quase 3.400.000 habitantes. A tabela a seguir mostra seu enorme crescimento demográfico:



**População e área de Chicago
1840-1930**

Ano	Nº de habitantes	Percentual de aumento	Números relativos		Área (em km ²)	Números Relativos
			(1860=100)	(1900=100)		
1840	4.470	-	5			
1850	29.968	570,3	26			
1860	102.260	264,6	100		46,5	100
1870	298.977	173,6	276		90	194
1880	503.185	68,3	405		92	198
1890	1.099.850	118,6	1.020		440	950
1900	1.698.575	54,4	1.570	100	490	1.060
1910	2.185.283	28,7	2.020	129	490	1.060
1920	2.701.705	23,6	2.500	159	520	1.120
1930	3.375.329	24,9	3.110	198		

Fonte: Burgess & Newcomb, 1931: 5 (apud Bulmer, 1984: 13) e Halbwachs, 1932: 12-13.

O desenvolvimento das ferrovias foi decisivo para o crescimento de Chicago, que, em 1860, era um entroncamento de grandes linhas que seguiam para o Oeste e, com isso, se tornou o centro comercial do Meio-Oeste. A partir dessa época, vieram os armazéns, os atacadistas, as indústrias e os migrantes das áreas rurais. Em 1871, quando contava com uma população de 300.000 pessoas aproximadamente, a “velha cidade” de casas de madeira foi em grande parte destruída por um enorme incêndio, sendo em seguida reconstruída com construções de alvenaria. No fim do século chegaram os imigrantes estrangeiros em busca de trabalho: alemães, escandinavos, irlandeses, italianos, judeus, tchecos e outros, que trouxeram uma impressionante diversidade étnica à cidade. “Por volta de 1900, Chicago tinha o maior número de poloneses, suecos, boêmios, noruegueses, holandeses, dinamar-



A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio

queses, croatas, eslovenos, lituanos e gregos encontrados em qualquer cidade americana” (MATTHEWS, 1977: 126); nessa época, metade dos seus 1.700.000 habitantes havia nascido fora dos Estados Unidos. E vieram os negros do Sul, que “eram 2% da população da cidade em 1910 e passaram a ser 7% em 1930” (BULMER, 1984: 13).

Nos anos que antecederam a eclosão da I Guerra Mundial, a expectativa geral era de que a cidade se tornaria a futura metrópole dos Estados Unidos; a importância que adquiriu pode ser atestada pelo fato de que “por volta de 1925, 7,4% de todos os bens manufaturados nos Estados Unidos eram produzidos em Chicago” (MATTHEWS, 1977: 126).

A elite econômica que se formou em Chicago mostrou-se bastante sensível desde o século XIX à filantropia e a empreendimentos assistenciais ou de interesse social da comunidade; deu apoio também a iniciativas de caráter artístico-cultural e custeou ou colaborou decisivamente em certo número de atividades e na criação de instituições como a Orquestra Sinfônica, em 1891, o Instituto de Artes, em 1879, e várias outras. Teve igualmente importante papel em propiciar condições para o desenvolvimento da Escola de Arquitetura de Chicago, a qual “não somente contribuiu com o arranha-céu para a civilização urbana americana como também criou o primeiro estilo arquitetônico urbano coerente e próprio do continente” (BULMER, 1984: 14). Uma primeira Universidade de Chicago, pequena, religiosa e provinciana, foi criada em 1856, mantida por contribuições dos homens de negócios locais. Atingida pelo incêndio de 1871, nunca se recuperou e funcionou precariamente até 1885, quando fechou por falência financeira.

A atual Universidade de Chicago foi criada em 1890 e admitiu seus primeiros alunos em 1892; foi uma fundação batista que recebeu o apoio da contribuição filantrópica de John Rockefeller, o magnata do petróleo, só fundada “após substanciais promessas de que lhe seria dado apoio financeiro pela comunidade local” (BULMER, 1984: 14). Seu primeiro presidente, William Rainey Harper, antigo

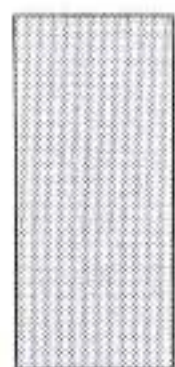


professor de grego e hebraico na Universidade de Yale, “quando seu colega de fé batista John D. Rockefeller lhe ofereceu um milhão de dólares para fundar uma instituição acadêmica, respondeu que lhe seriam necessários quinze milhões para criar uma universidade verdadeiramente digna desse nome. Recebeu, de fato, trinta milhões de dólares e cumpriu sua promessa num prazo notavelmente curto” (OBERSCHALL, 1972: 192, apud SAINT-ARNAUD, 1984: 59). Rockefeller, “na passagem do século, possuía provavelmente um bilhão de dólares” (LINK, 1965: 27); Bulmer conta que “recusou-se a dar seu nome à Universidade ou a envolver-se em sua direção, apesar de inteligentemente instado por Harper para gigantescas subvenções; (...) num período de duas décadas, Rockefeller deu à Universidade 35 milhões de dólares no total em dotações e para cobrir despesas correntes, antes de autorizar em 1910 uma subvenção final de 10 milhões de dólares” (BULMER, 1984: 16 e 21). O campus da nova Universidade de Chicago situou-se ao longo do lado norte da Midway, uma larga avenida da parte sul da cidade, diante da qual foi montada a Feira de Chicago de 1893. “Com a concordância dos curadores, os primeiros edifícios foram colocados nas extremidades de um grande quadrilátero, em vez de em locais contínuos” (FARIS, 1970: 23).

Harper empenhou-se em fundar uma universidade voltada à pesquisa básica e ao ensino de pós-graduação. Tinha em mente, além disso, uma escola de pós-graduação que combinasse trabalho acadêmico original e prestação de serviços à comunidade. Dentro de um curto período e com o apoio de grandes contribuições de industriais proeminentes de Chicago e dos líderes de sua elite política e intelectual, ele a tornou uma das principais universidades dos Estados Unidos. Harper estabeleceu uma escala de salários em torno do dobro dos que predominavam no país – porém Bulmer afirma que, mais que os altos salários, o que atraiu os professores universitários a se integrar ao corpo docente da nova fundação foi “a liberdade de pesquisa e a inovação didática que oferecia. E, para encorajar as equipes em todos os níveis a se concentrar na pesquisa e a publicar, oferecia-se os meios de publicação: estabeleceu-se a

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio



A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrazio

editora da universidade como parte orgânica da instituição, antes mesmo de admitidos os primeiros estudantes (...). Cada departamento foi encorajado a criar sua própria revista acadêmica e uma série departamental, em que seriam publicados os resultados das pesquisas da equipe” (BULMER, 1984: 15 e 16). Faris conta que uma das inovações de Harper foi a da “divisão do ano acadêmico em quatro trimestres, em vez de nos tradicionais dois semestres separados por um longo e ocioso verão”, com o que introduziu um trimestre de verão que tornava possível acelerar o progresso dos estudantes na conclusão dos cursos e ainda “um professor podia lecionar em quaisquer três dos quatro trimestres do ano, ou lecionar também no quarto, com um pagamento extra, ou optar por lecionar em três trimestres de verão sem pagamento para ter um ano inteiro de afastamento remunerado” (FARIS, 1970: 24).

Em 1892, Harper convidou Albion Small (1854-1926), então presidente do Colby College, para fazer parte da Universidade e para ser o chefe de um departamento de história, mas Small sugeriu a criação de um departamento de sociologia (que Harper aceitou) e em pouco tempo nele colocou George E. Vincent e William I. Thomas, ambos da primeira turma a concluir a pós-graduação no departamento; sem consultar Small, Harper contratou Charles Richmond Henderson e assim o departamento original ficou completo (cf. FARIS, 1980: xiii).

Há relatos em português da criação e do desenvolvimento da sociologia de Chicago em COSER, 1980: 409-411, e de modo mais sumário em TIMASHEFF, 1960: 309-313, por exemplo. MELLOR (1977) dedica todo um capítulo (“The Chicago School: urban experience”) a uma interpretação geral do desenvolvimento histórico das orientações dessa escola. Esboçaremos aqui apenas o quadro mais geral desse desenvolvimento, para situar o trabalho assumido por Park e Burgess e por seus colaboradores e discípulos. Cabe esclarecer que o departamento de Small, desde 1892, era de “Sociologia e Antropologia” e – sem contar com as contribuições antropológicas de Thomas e depois, em menor medida, de Park – teve apenas um único antropólogo, Frederick Starr, que se aposentou



em 1923; após isso, apesar da tendência do presidente Burton de retirar a antropologia, Ellsworth Faris conseguiu trazer Ralph Linton por algum tempo e depois Fay Cooper-Cole para substituí-lo e ainda acrescentar Edward Sapir (em 1925) e Robert Redfield. Em 1929, quando os departamentos de ciências sociais ficaram reunidos no novo prédio (o Social Science Research Building) da East Fifty-Ninth Street nº 1126, foi criado um departamento de antropologia autônomo e Cole ficou como seu chefe.

Por duas décadas o departamento permaneceu na atmosfera intelectual típica do século XIX, em que foi criado, sem alterações notáveis; como chefe e figura central, Small contribuiu em muito para nele articular e manter uma orientação teórica própria. Henderson e Vincent compartilharam com ele do desejo de tornar a sociologia acadêmica mais sensível às questões sociais e morais; todavia, pouco se envolveram no desenvolvimento de perspectivas teóricas abstratas e, assim, foi a atuação de Small que dominou este período (Cf. LEWIS & SMITH, 1980: 155). Seu êxito em tornar o departamento o primeiro em qualquer universidade do mundo a oferecer ensino em graduação e em pós-graduação de alto padrão contrastou com a atuação dos outros cinco grandes sociólogos americanos da época (Ward, Sumner, Giddings, Ross e Cooley), mais isolados e que, com a exceção parcial de Giddings, não deixaram nenhum legado institucional nem uma influência decisiva de suas idéias, o que, para Bulmer, “é de certa importância para a compreensão da preponderância” que a sociologia de Chicago assumiu na década de 1920 (Cf. BULMER, 1984: 8).

Small talvez tenha sido quem mais contribuiu para o estabelecimento da sociologia nos Estados Unidos; além de sua atuação como chefe do Departamento de Sociologia de Chicago, a fundação do *The American Journal of Sociology* sob sua direção em julho de 1895 (antes do *L'Année Sociologique* de Durkheim) e a criação, que promoveu, da American Sociological Society, em 1905, sob a presidência de Lester Ward, representaram importantes marcos na história da sociologia naquele país. E foi Small quem

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio



A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrazio

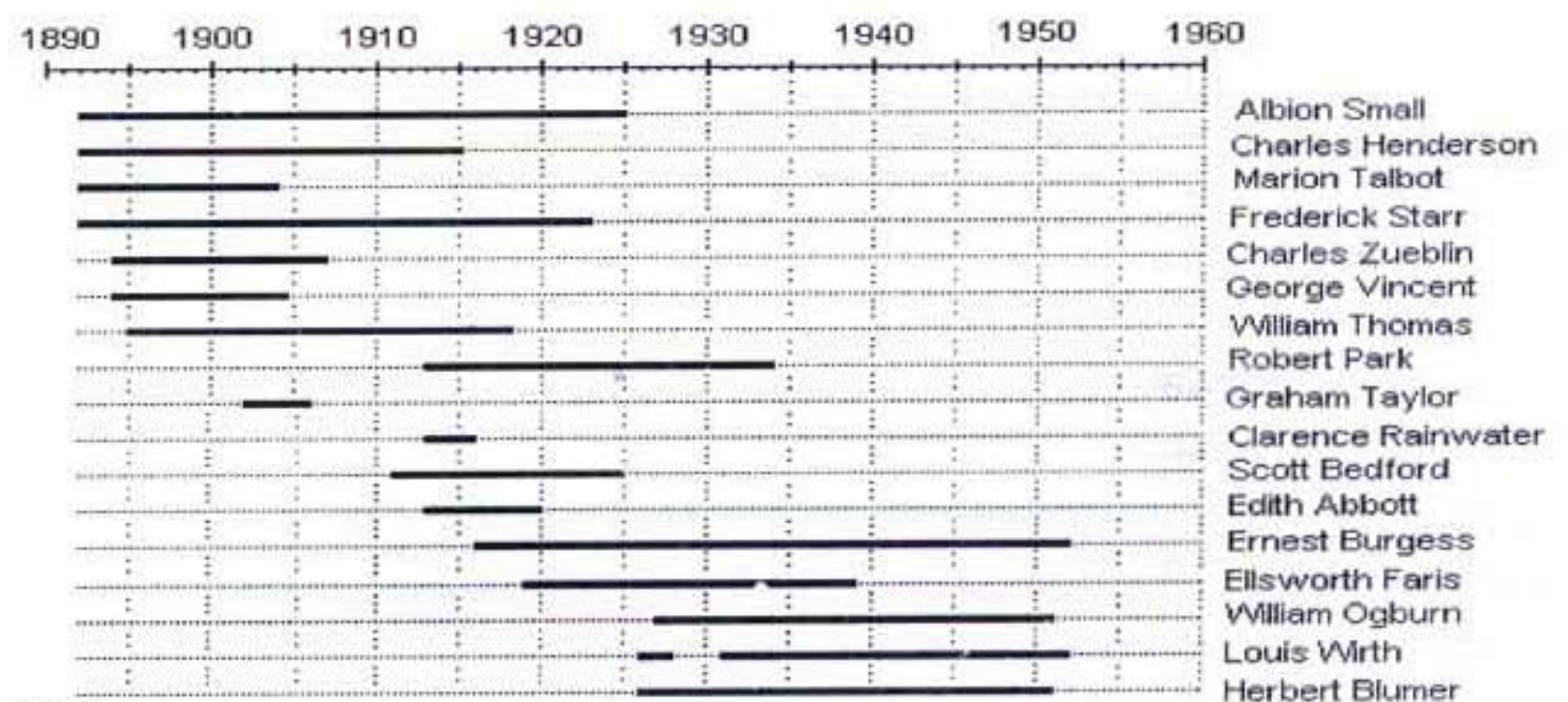
trouxe Max Weber e Gustav Ratzenhoffer para o Congresso de Artes e Ciências de 1904, em Saint Louis.

Desde 1894 quando Giddings assumiu a cátedra de sociologia na Universidade de Columbia, em Nova York, Chicago, principalmente, e Columbia, em menor grau, passaram a dominar a sociologia americana, “convertendo-se nos principais centros de investigação e estudo em âmbito universitário” e nos principais núcleos responsáveis pela formação dos professores de sociologia do ensino superior em todos os Estados Unidos (cf. MITCHELL, 1973: 325 e ODUM, 1951: 87).

A figura a seguir mostra o período em que fizeram parte do Departamento de Sociologia de Chicago os professores que nele ingressaram até meados da década de 1920. Em FARIS, 1970, cap. I, e em BULMER, 1984, em especial no cap. 3, encontram-se exposições sucintas da atuação da maioria dos integrantes da fase dos “anos de formação” e dos “anos dourados” de predomínio da Escola de Chicago.

Figura 1

Período em que integraram o Departamento de Sociologia de Chicago os professores que ingressaram em até meados da década de 1920



RAE-94

Fontes: Bulmer 1984, Matthews 1977, Kurtz 1984 *et alii*.



O esquema de trabalho acadêmico que se implantou em Chicago proporcionou condições para desenvolvimentos originais. A sociedade americana era uma fonte estimulante de problemas para a investigação sociológica e a própria cidade revelou-se igualmente fértil em sugerir indagações e em inspirar programas e temas; as pesquisas empreendidas propiciaram interpretações, procedimentos e resultados novos. O trabalho dos pesquisadores e até dos estudantes de pós-graduação foi frutuoso e relativamente contínuo; se no início foi mais ingênuo, logo amadureceu e resultou em estudos cujo interesse ainda permanece e na criação de linhas teóricas e de interpretação novas, e até de importantes técnicas de pesquisa pioneiras.

O domínio estudado pela sociologia de Chicago até 1930 foi bastante amplo. “Além dos estudos urbanos, ecológicos e outros, pesquisou-se a respeito de movimentos sociais, revoluções, seitas, comportamento de massas e multidões, opinião pública, relações raciais, psicologia social, várias formas de patologia social, incluindo crime e delinqüência, teoria sociológica e história da sociologia” (FARIS, 1980: xiv).

Apesar das diversas perspectivas criadas em torno dessa multiplicidade de interesses, para Bulmer “é um erro de interpretação histórica identificar a Escola de Chicago de modo muito restrito à sociologia dos problemas sociais, ou à psicologia social sociológica, ou à obra de George Herbert Mead ou a um embrião do interacionismo simbólico”, pois “a orientação do departamento em relação à sociologia era variada e eclética, e sua força residia em sua diversidade” (BULMER, 1984: 3).

Existe atualmente uma literatura já considerável tentando avaliar e apreciar criticamente a Escola de Chicago como uma matriz de pensamento sociológico, representada pela produção dos integrantes do departamento e seus seguidores, em seus já mais de cem anos de existência. Além de obras de norte-americanos, como as de Faris, Matthews, Bulmer e Kurtz, já citadas, existe a enorme coletânea de BURGESS & BOGUE, 1964, que faz uma apresentação das contribuições e do desenvolvimento dos temas investigados na

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio



**A formação da Escola Sociológica
de Chicago**

Mário A. Eufrazio

sociologia urbana de Chicago; em português é notável a coletânea de PIERSON, 1970, de muito bom padrão. Há também algumas obras inglesas e francesas; entre os autores ingleses, HARVEY (1986) historia e analisa a sociologia de Chicago, numa tentativa de avaliar concretamente uma “escola” característica da sociologia e de refutar alguns “mitos” que com frequência são associados aos sociólogos de Chicago (os de que seriam “melhoristas”, “etnógrafos”, “quantitativistas” e pesquisadores empíricos radicalmente empiristas e ateóricos); SMITH (1987) faz uma apreciação histórica de amplo alcance, destacando os desdobramentos posteriores à ecologia humana e ao interacionismo simbólico. Entre os trabalhos franceses cabe assinalar a útil coletânea de GRAFMEYER & JOSEPH (1984), da qual o ensaio introdutório e certas soluções de tradução podem merecer algumas reservas, mas que tem o mérito de explorar acertadamente a vertente da sociologia urbana associada à concepção da ecologia humana dos investigadores de Chicago; por outro lado, COULON (1992) apresenta um roteiro didático introdutório que deixa de lado aspectos teóricos importantes, mas contém um interessante capítulo sobre as técnicas de pesquisa desenvolvidas pelos sociólogos de Chicago.

Há, na realidade, várias “Escolas de Chicago”, cada uma com feições próprias e mesmo completamente divergentes em aspectos fundamentais: a de filosofia, a de sociologia, a de ciência política, a de economia, para citar apenas algumas vinculadas à Universidade de Chicago. Ao se falar na Escola Sociológica de Chicago, nomeia-se, mais ou menos ampla e vagamente, um conjunto de linhas de interesses e de desenvolvimento de temas, de orientações teóricas e de tradições de posturas de investigação e de tratamentos e procedimentos de pesquisa que, oriundos do Departamento de Sociologia de Chicago, na sociologia americana certamente se diferenciam da produção desenvolvida em outros centros ou por outros grupos de investigadores, por um certo “ar de família” cujas características, no entanto, não será objetivo nosso tentar precisar aqui. É possível até mesmo assinalar uma tendência a negar qualquer especificidade histórica a uma escola sociológica

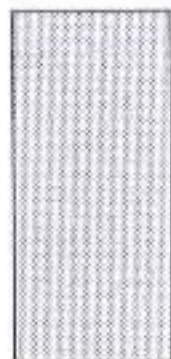


de Chicago, que podemos ilustrar através de LEWIS & SMITH (1980). Tentando traçar uma história intelectual da sociologia de Chicago entre 1892 e 1935, usaram como critério para classificar os mais importantes sociólogos de Chicago suas vinculações às distintas categorias de nominalismo ou realismo: “Small, Thomas Cooley, Elwood e Blumer seriam nominalistas no sentido de James e Dewey; Hayes, Faris e Bodenhafer seriam realistas, seguindo as posições de Peirce e Mead; Park, como Cooley, é muito difícil de classificar, devido às inconsistências de sua postura metateórica, geradas por seus esforços (necessariamente) abortivos de associar elementos do realismo europeu (por exemplo, Simmel e Durkheim) à tradição totalmente nominalista da psicologia social americana. Desta perspectiva, os sociólogos de Chicago não constituiriam uma tradição unificada ou uma comunidade intelectual” (LEWIS & SMITH, 1980: 25). No prefácio do livro, Faris diria ainda: “como afirmam Lewis & Smith, não há uma ‘escola de Chicago’ de pensamento, embora autores de outras universidades freqüentemente se refiram a uma” (FARIS, 1980: xiv). Todavia, é o caso de ressaltar que o escopo da Escola Sociológica de Chicago cobre um âmbito amplo, no qual se destaca a orientação ou perspectiva de teorização da ecologia humana, que durante muitos anos foi seguida em seu interior e incentivou grande número de estudos empíricos, centrados sobretudo na cidade de Chicago; no período em que vigorou, as formulações que contemplaram de modo mais específico a temática da estrutura espacial da cidade – por vezes denominada “ecologia urbana” e que constitui, hoje em dia, um capítulo próprio da sociologia urbana – formaram o núcleo de um desenvolvimento muito inspirado e que levou a descobertas originais; e o estudo das relações entre os diferentes grupos culturais, étnicos e raciais, com destaque para a situação dos negros nos Estados Unidos, em especial nas grandes cidades do norte do país, introduzido por Thomas e continuado por Park, teve grande relevo na sociologia americana.

O interesse pelo estudo da cidade, no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, começou ainda no século XIX, com Henderson e Zueblin. Bulmer chega mesmo a dizer que

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrazio



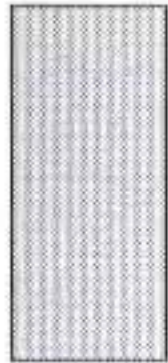
A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio

haveria, da parte dos sociólogos de Chicago, uma “tradição de envolvimento social” com a comunidade local, que se manifestou desde o início e que estaria no ponto de partida “dos estudos urbanos da escola de Chicago de sociologia e que tornou a relação entre a universidade e a cidade diferente daquela de Nova York ou Boston” (BULMER, 1984: 25). Entre esses estudos notabiliza-se pelo menos uma dezena dentre as teses defendidas nas duas primeiras décadas do Departamento, listadas por FARIS (1970); nas duas décadas seguintes este número no mínimo triplicou.

Charles Henderson (1848-1915), o ministro batista que Harper recrutou, tinha sido um ativista do movimento pela reforma social nas décadas de 1870 e 1880; na Universidade, combinou a atividade de capelão com a de professor e pesquisador; especialista em administração de instituições de beneficência, lecionou e escreveu sobre organização da caridade, problemas trabalhistas e de seguridade social, classes delinqüentes e dependentes e se envolveu em muitas organizações e comissões locais. Adotando uma abordagem empírica dos problemas sociais, baseada em profunda fé religiosa, já nos primeiros anos do novo departamento enviava regularmente estudantes de pós-graduação para fazer observações em diversas áreas da cidade. Com seu moralismo, foi importante ao reforçar laços entre a universidade e a cidade, no campo do bem-estar social, e ao estimular a curiosidade pela vida urbana em pesquisadores mais jovens como Thomas e Burgess. Tornou-se professor pleno em 1897 e chefou um departamento separado de sociologia prática, a partir de 1904 (Cf. BULMER, 1984: 33 e 35; MATTHEWS, 1977: *passim*).

Charles Zueblin, que Harper contratou em 1894, ficou em Chicago até 1907; lecionou sobretudo no Departamento de Extensão da Universidade. Muito interessado na reforma das comunidades, ficou popular lecionando essa matéria, mas não era a rigor um sociólogo. Porém, seu interesse, como o de Henderson, pelos problemas urbanos contemporâneos ajudou a abrir o caminho para a orientação de pesquisa que mais tarde caracterizou o departamento (cf., p. ex., BULMER, 1984: 35).

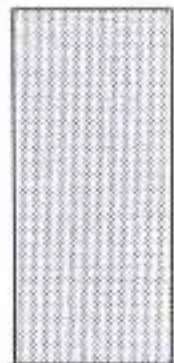


George E. Vincent foi um entusiasta da educação ampla e geral e um homem preocupado com a unidade do conhecimento humano que a especialização crescente ameaçava romper. Contratado em 1896, ajudou a fixar um comprometimento da sociologia com a pesquisa empírica da realidade social e nos anos em que se dedicou ao ensino deu grande incentivo aos alunos para que empreendessem seus próprios estudos empíricos na cidade de Chicago. Colaborou com Albion Small no livro-texto *An introduction to the study of society* (1894), dedicado aos estudantes de sociologia como um “guia de laboratório”, o qual seria a própria sociedade norte-americana. O livro reservava um quinto de seu volume para o tema da origem e escopo da sociologia e o restante a uma longa série de análises práticas, tentando mostrar “a sociologia em ação”; uma longa seção é destinada à “história natural” de uma realidade social: localidade que, de um estágio rural pioneiro, chega à fase de moderna cidade americana da época, num cenário de novas situações econômicas, sociais e políticas, dividido pela segregação que expressa diferenças étnicas, raciais e de classe econômica. O objetivo é o de estimular a pesquisa empírica detalhada e ilustrar como a sociedade opera em suas condições de existência e na satisfação dos desejos humanos que motivam a interdependência e as relações sociais. Pode-se reconhecer nesse esquema uma formulação inicial da orientação que a sociologia de Chicago viria a seguir depois da I Guerra Mundial. A carreira de Vincent deslocou-se progressivamente para a administração acadêmica, tendo chegado a ser reitor da Universidade de Minnesota em 1911 e presidente da Fundação Rockefeller entre 1917 e 1929 (FARIS, 1970: 13-14 e BULMER, 1984: 35-36).

Além do papel de Henderson, Zueblin e Vincent em despertar o interesse pelo estudo das condições de vida social da cidade de Chicago e das cidades de modo geral, é preciso destacar também o de Bedford e de Thomas. Scott Bedford, professor associado que deu cursos entre 1911 e 1925, principalmente de sociologia urbana, foi, com Henderson e Zueblin, um dos precursores da sociologia urbana de Park e Burgess. Mais tarde, em 1927,

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrazio



A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrazio

publicou um dos primeiros livros de sociologia urbana nos Estados Unidos. A obra de Thomas, original, vigorosa e inspirada, incorporou aspectos importantes dessa preocupação, ainda que numa ótica mais próxima da antropologia urbana ou de uma sociologia urbana cultural, que viria a ser desenvolvida depois por Park e que se conservaria como um aspecto claramente presente nas elaborações de Burgess.

O próprio Burgess foi aluno de Henderson e Zueblin, e também de Thomas, em disciplinas que abordavam assuntos urbanos. E quando passou a lecionar no departamento em 1916, coube-lhe uma disciplina que Henderson antes ministrava, sobre “comunidades modernas”; nela introduziu, então, novos materiais estatísticos e procedimentos de mapeamento.

Recorde-se que a sociologia americana surgiu com um caráter duplo: de um lado, uma ciência prática voltada para a ação e a reforma sociais, e, de outro, uma ciência sistemática voltada para a explicação da realidade social global através de categorias gerais. Em Chicago, Henderson representou a primeira ênfase e Small a segunda: a sociologia de Chicago, em sua primeira fase ou em seus “anos de formação”, viveu esse duplo aspecto da sociologia americana até a I Guerra Mundial. Thomas, primeiro, e depois Park e Burgess conseguiram ampliar esse quadro inicial e criaram um padrão de trabalho novo e aprimorado que por fim o superou (Cf. MATTHEWS, 1977: 91-94, *passim*.).

Thomas foi um dos primeiros sociólogos americanos a unir a teoria à pesquisa de campo, “forjando um molde” no qual Park e Burgess dirigiram a sociologia de Chicago na década de 1920. “Thomas trouxe Park para a profissão; com Simmel, foi uma das duas mais importantes influências nas teorias de Park e transmitiu a seu colega uma concepção da relação apropriada da teoria sociológica com a pesquisa empírica” sociológica (MATTHEWS, 1977: 91-7 e *passim*.).

Nascido na zona rural do Condado de Russel, na Virgínia, William Israel Thomas (1863-1947) em 1880 começou a estudar literatura inglesa e línguas modernas na Universidade do Tennessee;



em 1886 ganhou a primeira bolsa de pós-graduação dessa universidade e foi indicado instrutor; completado o mestrado, passou a lecionar grego e história natural e, por sugestão da Universidade, foi à Alemanha em 1888-89 estudar psicologia social e etnologia, em Göttingen e Berlim. De volta, passou a lecionar inglês na Oberlin College, onde ficou até 1895; nessa época interessou-se pelas ciências sociais e pela sociologia de Spencer. Em 1893-94 matriculou-se no curso de pós-graduação em sociologia da recém-criada Universidade de Chicago e em 1894 foi convidado para dar um curso. A partir de 1895, passou a lecionar como instrutor em tempo integral; em 1896, completado o doutoramento, passou a professor assistente, em 1900 a professor associado e em 1910 a professor pleno. Publicou em 1907 *Sex and society* e *A source book for social origins* em 1909. Quando se iniciava a publicação de *The polish peasant* (que escreveu em colaboração com o sociólogo polonês Florian Znaniecki, resultado de um trabalho iniciado em 1908 e que se tornou um clássico da sociologia americana) foi demitido da Universidade de Chicago, não mais conseguindo, após isso, trabalho fixo por muito tempo em nenhum lugar, embora tenha publicado *The unadjusted girl* (1923), *The child in America* (1928) – que escreveu entre 1926 e 1928 com uma bolsa concedida pelo *Laura Spelman Rockefeller Memorial* – e *Primitive behavior* (1937), além de ter escrito *Old world traits transplanted* (1921), publicado na época apenas sob a autoria de Park e H. Miller, que participaram secundariamente em sua elaboração. A demissão de Thomas da Universidade de Chicago pelo presidente Judson, com quem tinha desavenças desde 1906, deu-se em decorrência de um incidente, rumoroso na época, que foi relatado pelo *The New York Times* entre 13 e 22 de abril de 1918 (apud MATTHEWS 1977: 224) – entre outras fontes possíveis. Após certo tempo, Thomas passou a ser referido elipticamente e sem menção direta aos fatos ocorridos e à sua solução (Thomas foi inocentado das três pesadas acusações que lhe foram imputadas); tornado uma não-pessoa, Thomas teve seus registros da passagem por Chicago quase totalmente destruídos. O incidente só foi

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio



A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio

claramente relatado 48 anos depois por JANOWITZ (1966) e, se prejudicou a carreira de Thomas, hoje cobre de ridículo a bizarra figura do septuagenário irritável e intolerante que veio a se associar ao reitor Judson.

Mais do que qualquer outra obra, *The polish peasant in Europe and America*, de Thomas e Znaniecki, “marca a ascensão da sociologia de Chicago a uma posição de liderança nacional e internacional”. Bulmer acredita mesmo que “a primeira fase da sociologia americana terminou com a publicação de *The polish peasant* em 1918-20, que, embora tenha coincidido com a saída de Thomas da Universidade, assinalou o advento da escola de Chicago” (BULMER, 1984: 3 e 11; cf. THOMAS & ZNANIECKI, 1918-20).

Por seus escritos a respeito das condições de vida dos camponeses e da mentalidade dos negros, Thomas despertou a atenção de Robert Ezra Park (1864-1944), que em pouco tempo leu tudo o que ele já havia escrito e conseguiu convidá-lo para uma conferência em 1911 em Tuskegee, onde trabalhava com Booker Tagliaferro Washington no Tuskegee Institute (Cf. THOMAS 1973 e PARK 1973). O próprio Park, que nascera em Harveyville, na Pensilvânia, e estudara filosofia e alemão na Universidade de Michigan, após trabalhar alguns anos como jornalista e voltar a estudar filosofia e psicologia em Harvard, foi à Alemanha, primeiro a Berlim (onde estudou um semestre com o filósofo e sociólogo Georg Simmel) e depois a Strassburg (onde estudou com o geógrafo Alfred Hettner) e a Heidelberg, para estudar sob a orientação do filósofo neokantiano Wilhelm Windelband, com quem obteve seu doutoramento em 1904. De volta aos Estados Unidos nesse mesmo ano, encontrou-se na casa de seu sogro com Small, que lhe ofereceu uma experiência como professor no trimestre de verão em Chicago, que rejeitou. Após participar de um movimento contra a brutal colonização do Congo pelo rei da Bélgica, vinculou-se ao empreendimento de educação profissional em Tuskegee, no Condado de Macon, no Alabama, e a cada ano, entre 1906 e 1912, lá passava entre seis e nove meses, como secretário executivo e assessor de imprensa de Booker Washington.



O encontro entre Thomas e Park foi marcante para ambos e a amizade e o mútuo respeito intelectual resultantes levaram Thomas a indicar Park para um curso de pós-graduação sobre “O negro na América”, no trimestre de outono de 1913, em Chicago. Park foi aceito e teve seu contrato renovado a cada ano para o trimestre de verão, dado o seu sucesso, para aulas regulares e depois também para orientação de pesquisas em pós-graduação. A remuneração de Park era de 500 dólares por semestre – dos quais passou a enviar, por algum tempo, 300 para Tuskegee – até 1918 e 1.000 dólares daí até 1923, quando Small, que já o tinha persuadido a ficar em 1918, conseguiu com o novo presidente Burton sua nomeação como professor pleno em tempo integral, situação em que permaneceu até aposentar-se em 1934; sua posição foi então exercida por seu discípulo Louis Wirth até falecer em 1952.

Em 1916 a Universidade contratara, para substituir Henderson, que falecera, Ernest Watson Burgess (1886-1966), canadense de Tilbury, no Ontário, que havia sido pós-graduando entre 1908 e 1912 e, após concluir o doutorado em 1913, foi lecionar na Universidade de Toledo (em 1912-13), na de Kansas (em 1913-14) e na de Ohio (em 1915-16). Nos anos que se seguiram, Burgess revelou enorme capacidade de trabalho e alto padrão acadêmico, permanecendo ligado ao Departamento de Sociologia até 1952, quando se aposentou.

Entre 1913 e 1915, o jovem canadense de Carmen (em Manitoba) Roderick Duncan McKenzie (1887-1940) frequentou o curso de pós-graduação de sociologia em Chicago; em 1916-17 elaborou um trabalho de doutoramento sob o título *A vizinhança*, que publicou em 1921, quando foi para Seattle e depois para outras universidades, porém mantendo sempre uma linha de interesse associada àquela que era desenvolvida em Chicago por Park e Burgess desde então².

Da confluência de um amplo conjunto de interesses, motivações, reflexões e *insights* sustentados por esses sociólogos, que se gestou e desenvolveu no período entre o início da I Guerra Mundial e os anos da Depressão iniciada em 1929, vieram a tomar

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio

² JANOWITZ (1966) traz uma biografia de Thomas. Para biografias de Park, veja-se MATTHEWS (1977) e BULMER (1984, passim). A melhor biografia de Burgess que pudemos encontrar é a que se acha no volume de BURGESS (1973); a única de McKenzie é a de HAWLEY (1968).



**A formação da Escola Sociológica
de Chicago**

Mário A. Eufrasio

forma as temáticas a respeito da ecologia humana, da sociologia da estrutura urbana, das relações raciais, da psicologia social e da cultura urbanas, que seguramente mais do que quaisquer outras marcaram de modo central o período de predomínio da Escola de Chicago como a primeira corrente própria e madura da sociologia dos Estados Unidos. O conteúdo do desenvolvimento teórico-conceitual dessas temáticas foi em parte submetido a análise detalhada em outro trabalho (EUFRASIO, 1988).■

EUFRASIO, Mário A. The Formation of Chicago School of Sociology. **Plural; Sociologia**, USP, S. Paulo, 2: 37-60, 1.sem. 1995.

Abstract: Even though it is a hard task to characterize sociological “schools” or traditions, an account is given of the so called “Chicago School” of Sociology in terms of its general lines of development, with bibliographical references supplied to the reader who may want more detailed treatments. Early rise and the main phases in the history of sociology in the United States are indicated. The innovating character of the University of Chicago, established in 1892, is confirmed in its Department of Sociology, the first in the country to provide undergraduate and graduate training connected with research and linked with community problems. Not different from other departments of Sociology in the USA in its first two decades, after the I World War Chicago Department went to the highest position. It is stressed the roles of Small, Vincent, Thomas, Park, Burgess and others in this process, by which Chicago Sociology took the leading place throughout the third phase of American Sociology from 1920 to 1935.

Uniterms: American Sociology - beginnings of Sociology in the United States - Chicago School of Sociology.



BIBLIOGRAFIA

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio

BULMER, Martin. *The Chicago School of Sociology - Institutionalization, diversity, and the rise of sociological research*. Chicago, The University of Chicago Press, 1984.

BURGESS, Ernest W. *On community, family, and delinquency*. Chicago, The University of Chicago Press, 1973.

BURGESS, Ernest W. e BOGUE, Donald J. *Contributions to urban sociology*. Chicago, The University of Chicago Press, 1964.

COSER, Lewis. Tendências americanas. In BOTTOMORE, Tom e NISBET, Robert (orgs.). *História da análise sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980, pp. 379-420.

COULOU, Alain. *L'École de Chicago*. (Col. "Que sais-je?", vol. 2.639). Paris, Presses Universitaires de France, 1992.

EUFRASIO, Mário A. *Teorias da estrutura e do crescimento das cidades: da concepção ecológica à sócio-econômica - Estudo de metodologia da sociologia urbana*. São Paulo, Tese (doutorado), FFLCH-USP, 1988, viii + 423 pp.

FARIS, Robert. E. L. La sociologie américaine. In: GURVITCH, Georges e MOORE, W. E. (orgs.). *La sociologie au XXe. siècle - vol. II: Les études sociologiques dans les différents pays*. Paris, Presses Universitaires de France, 1947, pp. 546-568.

_____. *Chicago Sociology: 1920-1932*. Chicago, The University of Chicago Press, 1970.

_____. "Foreword". In: LEWIS & SMITH 1980, pp. xi-xvii.

GRAFMEYER, Yves e JOSEPH, Isaac (orgs.). *L'École de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*. Paris, Champ Urbain/Aubier, 1984.

HALBWACHS, Maurice. Chicago, expérience ethnique. *Annales d'histoire économique et sociale*, t. IV, n° 13, pp. 11-49, Janeiro 1932.

HARVEY, Lee. *Myths of the Chicago School of Sociology*. Aldershot, Avebury, 1986.



**A formação da Escola Sociológica
de Chicago**

Mário A. Eufrazio

- HAWLEY, Amos. "Introduction". In: McKENZIE, Roderick Duncan. *On human ecology*. Chicago, The University of Chicago Press, 1968, pp. vi-xxii.
- HAWTHORN, Geoffrey. *Enlightenment and despair - A history of sociology*. Cambridge, Cambridge University Press, 1976 [Trad. brasileira: *Iluminismo e desespero - Uma história da sociologia*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982].
- HOUSE, Floyd Nelson. *The development of sociology*. New York, McGraw-Hill, 1936.
- JANOWITZ, Morris. "Introduction". In THOMAS, William I. *On social organization and social personality*. Chicago, The University of Chicago Press, 1966, pp. vii-lviii.
- KURTZ, Lester R. *Evaluating Chicago sociology. A guide to the literature, with an annotated bibliography*. Chicago, The University of Chicago Press, 1984.
- LEWIS, J. David e SMITH, Richard L. *American sociology and pragmatism. Mead, Chicago sociology, and symbolic interaction*. Chicago, The University of Chicago Press, 1980.
- LINK, Arthur S. *História moderna dos Estados Unidos - vol. I*. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
- MARSAL, Juan F. *La crisis de la sociología norteamericana*. Barcelona, Península, 1977.
- MATTHEWS, Fred H. *Quest for an american sociology: Robert E. Park and the Chicago School*. Montreal, McGill-Queen's University Press, 1977.
- MELLOR, J. R. *Urban sociology in an urbanized society*. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1977 [Há tradução portuguesa pela Rés, Porto].
- MITCHELL, G. Duncan. *Historia de la sociología (2 vols.)*. Madri, Guadarrama, 1973.
- OBERSCHALL, Anthony. The Institutionalization of American Sociology. In: OBERSCHALL, A. (ed.). *The establishment of empirical sociology*. New York, Harper & Row, pp. 187-251, 1972.
- ODUM, Howard W. *American sociology - The story of sociology in the United States through 1950*. New York, Longmans Green, 1951.



PARK, Robert E. Life history. *American Journal of Sociology*, 79 (2), pp. 251-260, sept. 1973.

PIERSON, Donald (org.). *Estudos de ecologia humana*. São Paulo, Martins, (2ª ed. revista), 1970.

SAINT-ARNAUD, Pierre. *William Graham Sumner et les débuts de la sociologie américaine*. Québec, Les Presses de L'Université Laval, 1984.

SHILS, Edward. Tradition, ecology, and institution in the history of sociology. *Daedalus*, 99 (4), pp.760-825, Fall 1970.

SMITH, Dennis. *The Chicago School: a liberal critique of capitalism*. Londres, Macmillan, 1988.

THOMAS, William I. Life History. *American Journal of Sociology*, 79 (2), 245-250, Setembro 1973.

THOMAS, William I. e ZNANIECKI, Florian. *The polish peasant in Europe and America*. Chicago/Boston, The University of Chicago Press/Badger, 1918-20.

TIMASHEFF, Nicholas S. *Teoria sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1960.

A formação da Escola Sociológica de Chicago

Mário A. Eufrasio